

Nota de leitura: Mário Cláudio. *Oríon*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

Maria de Deus Beites Manso

Universidade de Évora: Departamento de História

NEHM/CIDEHUS; CEPESA

Nota de Leitura do livro de Mário Cláudio, *Órion*, Lisboa, Dom Quixote, 2003, *Diana*. Revista do Departamento de Linguística e Literaturas, nº 5-6 (2003-2004), Universidade de Évora, 2005, pp.263-267.

Oríon de Mário Cláudio é um romance que assenta, essencialmente, no drama de sete crianças judias: Abel (contador destas histórias), Raquel (feiticeira), Débora (dona de bordel), Caim (traidor), Beijamim (menino Deus), Séfora (proprietária de engenho) e Jairo (traficante de escravos), deportadas por D. João II para o arquipélago de São Tomé e Príncipe em 1493.¹ As ilhas do Golfo da Guiné, à excepção da ilha de Bioko,² encontravam-se desabitadas aquando da chegada dos Portugueses (1469-71), daí que uma das primeiras tarefas da coroa portuguesa fosse a de iniciar o seu povoamento.³ Para satisfazer este objectivo e atendendo à pouca população de que Portugal dispunha neste período, transferiu-se para estas ilhas população branca, onde se incluem os degredados, e escravos africanos. Além disso, como o romance nos relata, também foram enviadas duas mil crianças judias para aí serem cristianizadas, ou melhor, viverem “cristãmente”. Este território, tornou-se desde o início da sua colonização, em termos étnicos e culturais, uma “manta de retalhos”. A diversificada proveniência de homens e mulheres que aqui se fixaram deu origem a uma sociedade estratificada em

¹ Sobre as fontes da época, vejam-se, por exemplo: Rui de Pina. *Crónica de El-Rey D. João II*. 1792. Ed. Alberto Martins de Carvalho. Coimbra: Atlântida, 1950. 187-188; Garcia de Resende. *Vida e Grandíssimas Virtudes e Bondades de El-Rei D. João II*. 1545. capítulo 178, [fl. 2r]; Samuel Usque. *Consolação às Tribulações de Israel*. 1553. Eds. Yosef Hayim Yerushalmi e José V. de Pina Martins. 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. 1: 222; Samuel Usque. *Consolaçam às tribvlaçoens de Israel*. Ferrara, 1553. [fol. 200v]-[fol. 202r].

² Já a partir do século VI da nossa era a ilha de Bioko contava com um pequeno número de populações banto, a maioria pertencente ao grupo étnico Búbi.

³ Sobre os estatutos régios vejam-se, entre outros: “Carta régia de privilégios aos povoadores de S. Tomé.” Livro das Ilhas. [fol. 109r]-[fol. 109v], in *Monumenta Missionária Africana*. Ed. António Brásio. 15 vols. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952. 1: 50-57; “Carta de privilégios aos moradores e povoadores de S. Tomé.” Livro das Ilhas. [fol. 81r], in Raimundo José da Cunha Matos. *Corografia histórica das ilhas de S. Tomé e Príncipe, Ano Bom e Fernando Pó*. Lisboa, 1815. Porto, 1842. 109; “Carta régia a Álvaro de Caminha.” Livro das Ilhas. [fol. 20v]-[fol. 21r], in *Monumenta Missionária Africana*. Ed. António Brásio. 15 vols. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952. 1: 152-153; “Carta régia de Álvaro de Caminha a el-rei”, in *Monumenta Missionária Africana*. Ed. António Brásio. 15 vols. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952. 1: 171-178.

grupos étnicos, sociais e raciais, de difícil entendimento, o que contribuiu para um quotidiano de tensões e revoltas nas Ilhas, como nos assinala Carlos Agostinho das Neves:

Os primeiros sintomas de perturbação social surgiram logo em 1499, quando grupos de degredados tentaram assassinar o capitão. Durante todo o século XVI e XVII muitas desordens e levantamentos varreram as ilhas de S. Tomé e Príncipe, opondo brancos e mestiços, pretos e brancos. Uma das principais causas era a luta pelo poder e influências e a incompatibilidade entre as diferentes instituições. Essa situação de agitação social permanente facilitava o eclodir de lutas sangrentas entre escravos e moradores livres.⁴

Embora Mário Cláudio não pretenda fazer uma reconstituição histórica dos factos, pois o seu não é um romance histórico, no entanto, em nosso entender, o escritor aborda um outro lado da nossa gesta ultramarina, o mental, com enfoque para o sentimento humano: por um lado a dor dos pais a quem são arrancadas as crianças; o sofrimento destas, quer por terem perdido o aconchego do lar, quer pelos tormentos a que são sujeitas durante a viagem e pela difícil adaptação ao novo espaço e, por outro lado, a ideia de “dever cumprido” por parte da Coroa pela contribuição para a salvação das almas judias. *Oríon* é essencialmente uma análise de como essas crianças percorreram caminhos que foram marcados por condições de raça, classe e género. Embora se trate de uma ficção, os episódios e as acções aqui narrados são reais, independentemente de quem os protagonizou. Foram crianças, homens e mulheres postos ao serviço dos interesses da Igreja, da Coroa e da sociedade portuguesa em geral.

A aventura destas crianças mostra-nos a necessidade de aprofundar temas que a historiografia nacional e estrangeira pouco têm analisado. Não interessa apenas olhar para os grandes ciclos económicos que orientaram a colonização das Ilhas, mas os aspectos sociais e culturais também têm de ser observados. Neste caso concreto é com agrado que vemos abordados temas como: a questão judaica, a vida a bordo nas naus portuguesas, o degredo e, através do percurso/perfil destes sete meninos, podemos também conhecer e compreender parte da história quotidiana das Ilhas, tais como o tipo de população que para aí se dirigia, a relação com os diferentes poderes e como todos estes grupos se relacionavam entre si, isto é, que tipo de sociedade e, conseqüentemente, que forma de cultura aí desenvolveram.

⁴ Carlos Agostinho das Neves. *S. Tomé e Príncipe na segunda metade do séc. XVIII*. Ed. Secretaria Regional do Turismo e Emigração, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1989.

A avaliar pelo livro, alguns dos objectivos traçados pela Coroa não foram conseguidos, pois atendendo à idade de algumas das crianças enviadas, cerca de doze anos, estas não esqueceram as tradições ancestrais, e em outros casos o meio fê-las esquecer as suas origens, como é o caso do traidor ou traficante de escravos, Jairo, que actuava como qualquer outro cristão velho, levando a que gente de outros povos fosse sujeita ao baptismo forçado, pensando exclusivamente no enriquecimento próprio e na satisfação pessoal, para além de viver rodeado de numerosas concubinas, violando sem qualquer pudor muitas das “peças” que lhe pertenciam. Mesmo destino tiveram algumas destas meninas embarcadas em 1493, vivendo uma vida de solidão, de dor, de práticas de feitiçaria e prostituição.

Não sendo nossa pretensão fazer juízos de valor, pois como leitora, apenas me cabe analisar os factos, e todos os acontecimentos têm de ser contextualizados; no entanto, pergunto-me: será que o envio forçado de pessoas para estas Ilhas valeu a pena? Certamente que é uma pergunta de difícil resposta e também não é esta a intenção do livro de Mário Cláudio, mas pensamos que será a abordagem de alguns dos temas aqui referidos que ajudarão a fazer ou refazer a nossa memória e a memória destas Ilhas. Em jeito de conclusão e apelando à leitura do livro termino com as palavras do contador destas história, Abel:

Sem nenhuma preocupação residia na casa herdada dos meus antepassados. Na célebre cidade de Lisboa, a maior de todas as cidades portuguesas. Deus benzia-me com a riqueza, a dignidade e quanta alegria cabe ao destino humano. A minha casa era ponto de reunião de homens cultos e sábios, e costumava-se falar de livros e de escrituras, do saber e do temor de Deus. [...] Boto-me agora a vadiar pelos matagais desta África. Despojado de tudo, da própria lembrança de mim, desconheço o onde nasci, e em que sítio haverá a morte de me atingir. [...] Da minha Ilha contudo ninguém recebe notícia. Fustigam-na os vendavais, dardeja sobre ela o sol, somos crianças eternas. E tendo falecido pela maior parte os que comigo desembarcaram, a sua tumba permanece num local ignorado, e nem sequer cuidaram de envolver num lençol os defuntos. Cresceram poucos, singraram escassos, e até a estes afligiram as tribulações de Israel. E das fêmeas que comigo partilharam o amor nada, nada hoje eu descubro. Andarão elas pelas florestas, oferecendo-se ao que primeiro se lhes deparar, e quem se recordará deste Job que por aqui vagueia, esfarrapado e doente?⁵

⁵ Mário Cláudio, *Oríon*, Lisboa, Dom Quixote, 2003. 181-183. Para melhor compreensão sobre o assunto e da sociedade das Ilhas de São Tomé, sugerimos as seguintes leituras: Laura Areias, *Ilhas Riqueza, Ilhas Miséria*, Lisboa, Novo Imbondeiro editores, 2002; Robert Garfield. “A Forgotten Fragment of the Diaspora: the Jews of São Tomé Island, 1492-1654”, in *The Expulsion of the Jews. 1492 and After*. Eds.

B. Waddington e Arthur H. Williamson. Nova Iorque: Garland, 1994. 73-87; Joseph Abraham Levi. "A mulher sefarditas das diásporas ibéricas: ponte entre culturas". *Faces de Eva* 9 (2003): 35-58. 39; Gloria Mound. "Judaic Research in the Balearic Islands and São Tomé", in *Jews in Places You Never Thought of*. Ed. Karen Primack. Hoboken: Ktav, 1998. 60-63; M. Mitchell Serels. "The Two Thousand Missing Portuguese-Jewish Children", in *Studies on the History of Portuguese Jews*. Eds. Israel J. Katz e M. Mitchell Serels. Nova Iorque: Sepher-Hermon Press, 2000. 193-200; Norman Simms. "Up from the Footnotes: The History of the Children of São Tomé." *Journal of Unconventional History* 9 3 (1998): 41-58; Norman Simms. "Forced Conversion and Abduction: The Children of São Tomé", in *Sects, Sex, and Identity. Selected Papers of the Jewish Studies Seminar. 29-31 August 1997. Hamilton, New Zealand*. Ed. Norman Simms. Hamilton: Outrigger Publishers, 1997. 35-52.